

Prevenção Primária da Toxicodependência e Modelos Sociais

António Maia

RESUMO: O texto resulta de uma reflexão livre em torno dos discursos e das práticas dissonantes entre o que se pretende constitua o objectivo da prevenção primária: a promoção de atitudes e de estilos de vida saudáveis, e o discurso social e as práticas de vida contemporâneas. A Prevenção Primária parece assim assumir um carácter de contra-cultura e os seus resultados serão no limite condicionados pelo contexto social dominante.

RÉSUMÉ: Ce texte est le résultat d'une réflexion libre sur les discours et les pratiques autour de ce qu'on veut que l'objectif de la prévention primaire soit: d'un côté, la promotion d'attitudes et d'une vie saine et de l'autre, le discours social et les pratiques de vie actuels. Ainsi, la Prévention Primaire nous semble revêtir un caractère de contre-culture dont les résultats seront, à la limite, conditionnés par le contexte social dominant.

ABSTRACT: This text is the result of a free reflexion on speeches and dissonant practices between what we want the purposes of Primary Prevention to be: promotion of healthy attitudes and ways of life, and contemporary social speech and life practices. Primary Prevention seems to assume a character of counter-culture and its results will be, in the limit, conditioned by the dominant social context.

Where is the ritual, where is the taste, where is the sacrifice, where is the faith. Someday there'll be a cure for pain, and thats the day I throw my drugs away(...)

Morphine, "Cure for pain", 1993

A eficácia do ópio resulta de um pacto. Se nos encanta não podemos deixá-lo nunca mais.

Jean COCTEAU, *Ópio*, 1930

Os conceitos de uso/abuso de drogas/prevenção e marginalidade são complexos e abrangentes e podem por isso mesmo ser lidos em diferentes níveis semânticos. Esta reflexão procura apenas estabelecer algumas relações possíveis entre eles, nomeadamente entre ideologias sociais aparentemente dominantes e veiculadas através de actividades como a publicidade, urbanismo, política e a possí-

vel interacção por vezes paradoxal com os modelos, práticas e conteúdos em Prevenção Primária e Promoção da Saúde em sentido lato.

Começo por colocar uma questão com que me confronto na minha prática quotidiana como psicoterapeuta individual ou enquanto técnico que desenvolve acções de formação neste domínio: como inserir os conteúdos da minha intervenção numa matriz social complexa onde as mensagens que procuramos transmitir são paradoxais face às propostas do modelo social contemporâneo dominante que se organiza em torno do binómio produção-consumo? Passo a explicar: como desenvolver ou promover "estilos de vida saudáveis", "comunicação", "capacidade de escuta", "tempo de espera", "partilha", quando a ideologia e a prática de vida estimulam um modelo socialmente desejável de "sucesso" que assenta na "urgência",

“velocidade”, “imediatismo”, “consumo”, “flash”, “excesso”: “se queres ser feliz compra tudo o que podes e também o que não podes mesmo que não pecebas logo para o que é útil”; primado do ter por oposição ao ser. Neste cenário fazer Prevenção e Promoção de saúde parece-se um pouco com a luta de um D. Quixote contra os moinhos de vento. O homem contemporâneo pode ser considerado do ponto de vista sociológico como um “ser heterodirigido”: alguém a quem se sugere pela publicidade, por campanhas ideologicamente carregadas, o que deve desejar, querer, fazer. “O consumismo instala-se como uma esfera mística onde se materializam desejos, compensações, substituições”. A pressão exterior para construir uma imagem socialmente aceitável substitui-se a um espaço interno do pensamento e da individualidade. O individualismo contemporâneo surge como o paradoxo da individualidade psicológica: “Todos iguais, todos diferentes”. Onde está a possibilidade de encontrar um sentido e uma procura quando socialmente somos submergidos pela impossibilidade de nos organizarmos no excesso de informações e estímulos do nosso quotidiano? “(…) a avalanche dos discursos e das imagens que circulam no espaço mediático torna as coisas, os objectos, os acontecimentos e as pessoas in-significantes, e é precisamente sobre esta in-significância da realidade, sobre este processo de banalização, que se funda o excesso ou a mais-valia de sentido dos discursos e das imagens que circulam no espaço público” (Jeudy). Assim também o consumo de drogas se funda num efeito mágico, onnipotente e totalitário que progressivamente se vai transformando na procura desse primeiro efeito imagético, que não se volta a repetir: “a heroína no princípio era qualquer coisa que me fazia sentir bem comigo próprio, auto-suficiente e com a sensação de ser o maior, agora consumo para não sentir a ressaca, já nem consigo perceber para o que é que aquilo serve a não ser para não ressacar”.

Face a uma atitude de consumo generalizado e à valorização dessa mesma atitude, o que há então de comum e de diferente na relação de dependência que um indivíduo estabelece com o seu tóxico. Funcionará então o toxicodependente como a má consciência do nosso tempo?

“A publicidade dos nossos dias, tece pontes entre o discurso da toxicomania e o discurso do consumo de massas, apagando assim a distância imaginária que os separa” (Geberovich). As mensagens publicitárias assimilam e

promovem os seus produtos: “Opium”, “Egoiste”, “Charro”, “Eternity”, “Obsession”, etc.

Vivemos um momento histórico e um modelo social que privilegia uma lógica das emoções fortes, das actividades radicais e de um modo radical de estar na vida, do sucesso individual conseguido a todo o custo e o mais imediatamente possível. “I want it all and I want it now” (Queen). É preciso fruir independentemente de possuir, é a cultura do imediatismo onde tudo se pode ter agora pagando em cinco, dez ou quinze anos.

Ao consumo de tabaco, álcool, cocaína e haxixe estão associados quer um estatuto social quer um sentimento de aprovação e pertenças grupais quer ainda, e acima de tudo, uma possibilidade de esbater a angústia sentida face à incapacidade de lidar com as pressões da nossa cultura: “Com os Pós Modernos (Pó/Heroína),(…) sentimo-nos realizados/Ah os Pós Modernos agarram na angústia e fazem dela uma nova indústria/Com os Pós Modernos nunca ganhamos/mas também nada investimos” (GNR, Psicopátria).

Como implementar então campanhas de Prevenção e de Promoção da independência/autonomia quando socialmente predomina uma atitude de dependência do próprio consumo e do sentimento de aprovação e reconhecimento públicos? Nunca a televisão teve ao dispor do cidadão comum tantas oportunidades para conseguir cinco ou dez minutos de glória à custa do sentimento de desespero ou solidão banalizados e colocados ao mesmo nível de vulgares produtos de venda postal.

Como abordar as populações ou culturas marginais com modelos de relação alternativos quando nós próprios nos encontramos esgotados pela interacção com pessoas/coisas e não com pessoas/objectos com afecto? Parecemos viver uma época de normalização/globalização na indiferença/ausência de identidade em que o diferente parece mal tolerado. Como abordar alguém que se instala nos consumos e que consciente ou inconscientemente não entra no mecanismo social dominante de produção-consumo? Como tolerar alguém que não produz?

Ao consumo de substâncias psicoactivas esteve sempre associado o seu carácter mágico e marginal, ao qual apenas alguns, os iniciados, tinham acesso: espaço mítico/religioso; instrumento/símbolo de cura e regulador da relação com a vida e a morte; símbolo de elites intelectuais; símbolo de contra-cultura. Contemporaneamente contudo o

consumo de substâncias psicoactivas massificou-se e extravasou para além de qualquer código ou ideologia: o consumo de heroína parece ser o paradigma do vazio, da solidão e do sem sentido. Ao seu consumo está associado a lei de mercado que gere as teias do seu comércio/tráfico. O consumo de substâncias como a cultura parece esvaziar-se de ideologias que as suportem e integrem.

O consumo de drogas constitui na actualidade um símbolo do vazio, da indiferença, da solidão e do isolamento individual face aos grupos sociais (mesmo quando aparentemente está dentro de um grupo); a toxicodependência pode servir como "metáfora do vazio social", do individualismo e do narcisismo contemporâneos, daquilo que Lipovetsky refere como a entrada na "Era do Vazio".

O consumo da droga/heroína é frequentemente descrita como um "espaço para estar só com o nosso mundo com as nossas histórias". "Comecei a cheirar cola com a malta do bairro com quem andava na rua, depois o haxixe fazia-me sentir que pertencia ao grupo e que todos eramos bons amigos, com a heroína é tudo diferente queremos estar só com nós mesmos, não há espaço para mais ninguém, ela torna-se a nossa vida, tudo o resto deixa de fazer sentido". A heroína deixa progressiva e rapidamente de ser um meio para obter algo e passa a constituir-se como um fim em si mesma: "a heroína não é um objecto esgotante, é o objecto que se esgota a si mesmo" (Amaral Dias). Parábola da profunda solidão contemporânea em que há aparente facilidade das trocas sociais (o consumo inicia-se muitas vezes como desinibidor e facilitador dos contactos sociais) opõe-se a um sentimento de distância afectiva face aos outros, de contactos sentidos como profundos e promotores da criação de laços afectivos significativos.

Como é então possível desenvolver e introduzir um modelo de Prevenção Primária quando este começa logo de início por colocar em questão modelos sociais instalados? "Uma imensa maioria das campanhas de Prevenção o que geram é um recalçamento do significado, por uma hegemonia de significantes (sociais, comportamentais, etc)" (Amaral Dias). As campanhas de Prevenção correm o risco de confundir a relação sujeito-substância com a relação sujeito subjectivo/sujeito com história/substância com significados; de confundir o socialmente desejável com a singularidade e a diferença da aprendizagem da individual.

Prevenir e intervir sobre os processos de marginalidade é antes de mais desenvolver uma atitude de compreensão

sobre os significados sociais de exclusão e dos mecanismos sociais geradores dessa mesma exclusão. Contextos sociais como a família, a escola, o meio laboral, as comunidades deverão ser espaços vivos e activos de troca, promotores de laços de pertença e de solidariedade, onde possa ser estimulado o prazer de criar, inventar, participar, interrogar! Espaços de diálogo com profundidade afectiva onde pôr em questão, contestar, investigar sejam processos activos de construção da individualidade e da "grupalidade".

O que encontramos são indivíduos e instituições/produzidos quase inertes que se parecem deixar consumir passivamente por um quotidiano cinzento e sempre igual, com margens mas sem conteúdo. Na vida do pó a rotina também se instala como uma teia invisível que condiciona o toxicodependente: "os dias tornam-se todos iguais, é acordar a rressacar, pensar num esquema para arranjar dinheiro para ir ao Casal, encher a cabeça e depois ir para casa matar o tempo num canto qualquer mas sem sentir o peso dos dias todos iguais sem mais nada para fazer".

Neste sentido a marginalidade surge contemporaneamente como metáfora do alheamento e do vazio. O consumo instala-se para aniquilar o pensamento e suportar o aborrecimento do quotidiano. Consumir para não pensar a dor da ausência, para acelerar/queimar o tempo que insiste em não trazer consigo a conquista de uma felicidade que parece estar cada vez mais fora de cada um de nós. O crescer e o estar bem é cada vez mais um atributo, não de uma viagem por dentro de nós e da nossa história, mas antes pelas diferentes propostas de consumo que nos são oferecidas: "sucesso", "pílulas para emagrecer, para adormecer ou acordar conforme o gosto", "objectos de toda a espécie", o acesso à eterna juventude à negação onnipotente do envelhecimento e da morte. Nos anos 90 os heróis são aqueles que não vão nunca crescer, que vão através da prática de desportos e actividades radicais atingir a esfera mítica da imortalidade: deuses desprovidos de sexualidade e de idade.

A sociedade contemporânea assenta sobre a dimensão da imagem e da informação rápida e global, que pelo seu carácter de excesso parece induzir uma progressiva intoxicação/Indiferença, e que impossibilita (desvaloriza) a construção de um espaço individual de intimidade connosco próprios ou com outros significativos: a dimensão do homem público conseguida por um esvaziamento do espaço privado/individual. Nunca tantos homens viveram

tão próximos como nas grandes metrópoles do nosso século, e ao mesmo tempo nunca tantos se sentiram tão Sós e distantes: "(...) de um individualismo cada vez mais vivo resultam apenas solidões" (Jean Cocteau, Ópio, 1930).

"A sociedade pós-moderna é uma sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e estagnação (...) a normalização e o apagamento progressivo dos indivíduos" (no meio dos consumidores de substâncias, como nas grandes superfícies de consumo de massas esbatem-se as diferenças sociais, normalizam-se o discurso e as atitudes) "(...) já nenhuma ideologia política é capaz de inflamar as multidões, a sociedade pós moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si própria, ou projecto histórico moralizador; doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse (...) um vazio em technicolor" (Lipovetsky).

Como na droga/heroína, viver o presente e apenas o presente (cada dia é apenas mais um dia), e não por referência a um passado, a uma história ou no desejo de realização num qualquer futuro; há uma perda da continuidade histórica da perspectiva subjectiva de ser um indivíduo com a sua história. Na marginalidade sobrevive-se, não se é parte de algo, não se pertence a ninguém perde-se o sentido de origem. A família é substituída pelo bando, a casa e o bairro pela rua ou por um qualquer banco de jardim ou arcada. O sonho de um futuro consome-se na sobrevivência num presente.

Nesta perspectiva há que introduzir a dimensão do Poder dos sem poder por aquilo que, pelo menos, eles representam: a ausência de projectos, a falência dos modelos so-

ciais contemporâneos no acentuar da exclusão social com o desemprego, a toxicodependência, a emigração, etc.

Prevenir é necessariamente tentar transformar. Tentar mudar atitudes e comportamentos. Educar no sentido da liberdade da escolha e da capacidade de dizer não. Ajudar a adquirir um sentido de cidadania activa e participativa. Fazer prevenção é também ter em conta que "não nos podemos alhear da dimensão política se queremos compreender o nosso mundo e o nosso tempo, se queremos influenciar os nossos destinos e o nosso destino" (Edgar Morin).

Os políticos têm necessariamente um papel importante na definição das políticas globais de Prevenção. Não sendo especialistas têm que dialogar e respeitar a acção e as propostas destes e entender que a intervenção social deverá estar para além de qualquer mandato político. Os programas de prevenção deverão ser elaborados e aplicados sob a orientação de profissionais qualificados e são programas que se projectam num médio/longo prazo. Não se podem confundir com "políticas de normalização", mas sim apostar na singularidade e na diferença.

Mudar em toxicodependência, ou seja alterar a relação exclusiva com uma substância, é difícil e exige tempo. Mudar é afinal uma das atitudes mais difíceis de assumir para a espécie humana no seu todo e não apenas para os consumidores de substâncias ou objectos. "Se o homem quer viver deve mudar" (Karl Jaspers). Prevenir deve ser afinal e acima de tudo MUDAR. ■

António Maia
Psicólogo Clínico

B I B L I O G R A F I A

1. AMARAL DIAS, Carlos; (1991). *Ali Babá; Droga: uma neurose diabólica do século vinte*. Lisboa. Escher.
2. COCTEAU, Jean; (1930). *Ópio*. Difel.
3. GEBEROVICH, F.;(1984). *Une douleur irrésistible*. Paris. Inter Editions.
4. JEUDY, Henri-Pierre; (1995). *A Sociedade Transbordante*. Edições Século XXI.
5. LIPOVETSKY, Gilles; (1989). *A Era do Vazio*. Relógio de Água.
6. QUINCEY, Thomas de; (1821). *Confissões de um Opiómano Inglês*. Contexto.